

# Sabedoria ou relação? — os usos da unidade lexical inteligência em notícias do século XVIII

(La sagesse ou la relation? — L’usage de l’unité lexicale intelligence  
dans les textes de presse au XVIII<sup>e</sup> siècle)

**Mariana Giacomini Botta<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Universidade Estadual Paulista  
Júlio de Mesquita Filho (FCL/CAr - UNESP) / Université Paris 3 Sorbonne Nouvelle

marianabotta@gmail.com

**Résumé:** Dans le but d’étudier l’usage et le sens de l’unité lexicale intelligence dans les textes du journal *Gazeta de Lisboa* (entre 1715 et 1810), qui apparaît parfois comme synonyme de compréhension, ou, alors, se référant à l’état d’accord entre deux parties, nous proposons une étude lexico-sémantique-discursif. Elle est menée d’abord dans une perspective synchronique. Considérant que l’opération de l’appréhension d’un vocabulaire implique de prendre en considération l’utilisation des unités de la langue, nous avons choisi une approche discursive, dans laquelle le sens du mot n’est pas centralisé en soi, mais résulte de ses interactions dans l’intradiscours. Des informations diachroniques sur l’unité sont utilisées pour une étude comparative.

**Mots-clés:** linguistique historique; lexicologie; sémantique lexicale.

**Resumo:** Com o objetivo de verificar as formas de emprego e os sentidos da unidade lexical inteligência nos textos do jornal *Gazeta de Lisboa* (entre 1715-1810), que é usada ora como sinônimo de entendimento, compreensão, ora designando o estado de concordância entre duas partes, propõe-se um estudo semântico-lexical-discursivo, realizado em um primeiro momento em perspectiva sincrônica. Considerando-se que apreender o funcionamento de um vocabulário implica levar em consideração o uso que se faz das unidades da língua, opta-se por uma abordagem discursiva, em que o significado da palavra não é centralizado nela mesma, mas resulta das suas interações no intradiscorso. Informações diacrônicas sobre a unidade são utilizadas para um estudo comparativo.

**Palavras-chave:** linguística histórica; lexicologia; semântica lexical.

## Introdução

Os estudos linguísticos sobre a língua portuguesa do século XVIII ainda são raros, como afirmam Messner (2005) e Maia (2005), fato devido talvez à falta de um *corpus* semelhante, por exemplo, ao CORDE,<sup>1</sup> da Real Academia Espanhola, ou à base de textos franceses FRANTEXT,<sup>2</sup> que permitem a observação diacrônica da língua em uso. Por se entender que não existe universo de signos fora da sociedade e da história, a importância dos anos 1700 para a constituição das diferentes línguas é confirmada pela relevância histórica desse período, marcado por guerras e revoluções políticas e sociais, que possibilitou o início da configuração do mundo como se conhece hoje.

A relação entre língua e história é vista nos estudos linguísticos, segundo Tournier (1997, p. 287), ao menos, sob duas perspectivas: uma “paralelista”, que considera as palavras

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://corpus.rae.es/cordenet.html>>.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.frantext.fr/>>.

como reflexo ou como testemunhas da história e da sociedade; e a outra, “interacionista”, que vê as palavras como atores e redatores da história. Independentemente da perspectiva que se adote, considera-se que, tanto a língua quanto a história, formam a memória coletiva na qual os falantes de uma língua estão inseridos.

Assim, apesar de se aceitar a ideia de que as palavras possuem um “programa semântico mínimo”, que, segundo Remi-Guiraud (1996, p. 36), as diferencia umas das outras no interior de um campo lexical, e permite uma fixação de referentes aos quais estas são correlacionadas, considera-se que o sentido das mesmas constitui-se nos empregos que se faz delas. Dessa maneira, opta-se por uma lexicologia de usos, apoiada em enunciados atestados, como propõe Eluerd (2000), em que os dados de análise são baseados na realidade de uso que os grupos sociais fazem das possibilidades virtuais fornecidas pelo sistema linguístico.

O *corpus* sobre o qual se trabalha nesta pesquisa é formado por 99 edições da *Gazeta de Lisboa*, primeiro jornal impresso em língua portuguesa, desde o primeiro ano de sua publicação, 1715, até 1808. Durante todo o século XVIII a Europa viu a popularização da imprensa, com a publicação de gazetas em diversas localidades, o que ampliou o acesso às informações sobre as relações entre os governos. Assim como nas publicações de outros países, na gazeta portuguesa eram relatados os acontecimentos — principalmente políticos e militares — de toda a Europa e Ásia, e notícias sobre o comércio nas colônias na África e na América. Dentre as muitas características dos textos dessa publicação, quanto ao vocabulário chama a atenção o emprego da unidade lexical *inteligência*, ora como sinônimo de entendimento, compreensão, ora designando o estado de concordância entre duas partes.

Para o falante da língua portuguesa contemporânea, o sentido de *inteligência* está relacionado à faculdade de apreender, aprender, entender, pensar ou raciocinar; à capacidade de entendimento e compreensão, e até mesmo aos serviços de informações secretas que existem em diversos países. O fato de o emprego de *inteligência* para designar o estado da relação de concordância entre duas partes ser atualmente pouco usual, mas ser prioritário na *Gazeta de Lisboa*, motivou esta pesquisa, cujo objetivo é verificar as formas de emprego e os sentidos dessa unidade lexical nos textos informativos da citada publicação. Vale ressaltar que é com o sentido de texto informativo que se utiliza a palavra *notícia* neste artigo.

O léxico, acervo dos lexemas de uma língua, do conjunto das palavras e suas definições, é a parte da língua que configura a realidade extralinguística e arquiva os saberes de uma comunidade. Ele é, portanto, o aspecto da linguagem que evidencia de forma mais plena as mudanças linguísticas e sociais. Segundo Mortureux (1997, p. 48), o léxico implica um reconhecimento coletivo e, por isso, não se deve procurar os sentidos das palavras fora dos usos que delas são feitos.

Ao tratar de um conhecimento e de uma prática compartilhados pelos falantes, a lexicologia deve “fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico de uma língua” (VILELA, 1994, p. 10). Como o léxico não é uma lista de exceções, ele apresenta estruturas lexicais e relações que lhe conferem sistematicidade. O essencial desta sistematicidade provém das relações paradigmáticas e sintagmáticas, que podem ser estudadas tanto com ênfase na forma quanto no conteúdo.

Por se centrar no estudo do conteúdo, opta-se também por uma lexicologia em perspectiva discursiva, em que o significado da palavra resulta também das suas interações no intradiscurso.

Assim, trabalha-se com a noção de cotexto, o conjunto formado pelas unidades que estão no entorno da palavra nos contextos em que é empregada (VENIARD, 2007, p. 134).

### **As gazetas do século XVIII e a *Gazeta de Lisboa***

Em um estudo sobre o vocabulário de oito gazetas europeias de 1785, Labrosse (1996, p. 233) afirma que os textos desse tipo de publicação não se apresentam como um discurso coerente em que se desenvolve um tema único. Trata-se da justaposição de enunciados de natureza e de proveniências diferentes, como ordens reais, relatos de sessões parlamentares, cartas e boletins de correspondentes de outras localidades, trechos de outras gazetas e de memoriais políticos e reflexões e observações do redator do jornal. Percebe-se, assim, que tais características, encontradas também nas páginas da *Gazeta de Lisboa*, não eram exclusivas da realidade portuguesa.

Ao se estudar os usos das unidades lexicais nessa publicação, é preciso levar em consideração as possibilidades de assimilação de práticas linguísticas de outras regiões, que teriam passado a integrar a língua portuguesa por meio de empréstimos devidos à tradução literal dos textos provenientes de outras localidades. Essa é uma das hipóteses que orienta este trabalho, como será explicado posteriormente.

No *corpus* da *Gazeta de Lisboa*, há 28 ocorrências da unidade *inteligência*. O sentido mais frequentemente empregado nestes textos, com 15 ocorrências no *corpus*, está relacionado à relação de acordo/entendimento entre duas partes (dois reinos), que será aqui representado como sentido A, como pode ser visto nos excertos a seguir:

- (1) Por estes meyoys se tem posto hum fundamento para apartar todas as precedentes antipathias, e mas *intelligencias* entre os reynos da grã bretanha, e hespanha [...]. (GDL, 09/03/1730)
- (2) Dizem que em consequencia do restabelecimento da boa *intelligencia* entre as duas cortes imperiaes esta ajustado fazerem todos os esforços, para que a campanha do anno que vem seja a ultima desta guerra. (GDL, 04/02/1800)
- (3) [...] sua alt. eleit. esta inclinado mais que nunca a entreter huma perfeita *intelligencia*, e amizade com a augusta casa de Áustria [...]. (GDL, 19/02/1750)

Nos textos desse jornal são encontrados ainda outros dois empregos da unidade:

#### **B. Conversas secretas ou serviço secreto (10 ocorrências no *corpus*)**

- (4) [...] se recea que os seus parciaes em escocia, tenham alguma *intelligencia* com os malcontentes de inglaterra. (GDL, 02/11/1715)
- (5) [...] segundo as *intelligencias*, que esta Corte entretem naquelle Paiz, marcha elle por cabeça de hum poderoso Exercito a conquistar Meca. (GDL, 17/03/1740)

#### **C. Capacidade intelectual (3 ocorrências no *corpus*)**

- (6) [...] tendo-se distinguido muito pela *intelligencia*, e valor com que executou aquella perigosa sortida [...]. (GDL, 06/01/1795)
- (7) Deseja-se hum sujeito, que tenha *intelligencia*, e as mais qualidades precisas, para se lhe confiar o arrançamento do cartório [...]. (GDL, 07/02/1800)

Como o uso mais frequente da unidade nos textos desse jornal é com o sentido A, levanta-se aqui uma segunda hipótese: esta acepção A seria própria da linguagem política/militar, que é o tema preferencial do jornal estudado (e também de outras gazetas da mesma época), o que indicaria uma especialização léxico-semântica da unidade.

Mesmo ainda numa fase inicial da análise, outras características podem ser observadas em relação a esse uso, como, por exemplo, o fato de a unidade *inteligência* ser acompanhada por adjetivos (*más, boa* e, em outras ocorrências, *mútua e perfeita*). Além disso, em duas das três ocorrências citadas, a unidade é seguida pela preposição *entre*, que assim como *com*, que aparece na mesma posição no terceiro excerto, contém a ideia de relação entre dois governos.

## Estudo sincrônico

O estudo dos usos da unidade lexical *inteligência* em obras escritas e publicadas na mesma época da *Gazeta de Lisboa* visa a observar se os empregos encontrados neste jornal também ocorriam em outros tipos de discursos. Para esta análise, utilizam-se as definições lexicográficas de duas obras: o *Vocabulário portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico...*, de Raphael Bluteau (1712-1728), e o *Diccionario da lingua portugueza*, de Antonio Moraes Silva (1813). É feita também a verificação das ocorrências desta unidade em outros *corpora*: o site *Corpus do Português*<sup>3</sup> e o *Corpus do DHPB*<sup>4</sup>.

A verificação das definições da unidade propostas pelos dicionários é válida, segundo Remi-Giraud (1996, p. 19), uma vez que um dicionário é também um discurso (um discurso sobre as palavras), que visa a construir significações de vocação coletiva e que implicam o reconhecimento da comunidade falante, ou seja, uma representação compartilhada. Para essa autora, os dicionários são um lugar privilegiado para a observação da estrutura profunda do significado das palavras e são um tipo de “meio-caminho” entre os planos referencial e conceptual.

No dicionário de Bluteau há cinco definições para *inteligência*, a primeira como “essência espiritual”; a segunda como “a faculdade intelectual”; a terceira como “conhecimento, juízo”; a quarta como “percepção, ação de entender bem ou de compreender”; e a quinta aparece como “secreta correspondência de uns com outros para algum intento”. O dicionário de Moraes repete quatro das cinco definições dadas por Bluteau, excluindo a quarta.

É possível depreender os seguintes traços das definições da unidade lexical **inteligência** nos dicionários da mesma época da *Gazeta de Lisboa*: [+espiritual] [+intelectual] [+conversa secreta]. Estes dois últimos traços, embora não de maneira equilibrada no que diz respeito ao número de ocorrências, são atualizados nos textos daquele jornal. O uso mais frequente encontrado no *corpus*, com o sentido de “estado de concordância entre/ relação entre”, não aparece nos dicionários.

Este uso, porém, é registrado no dicionário francês *Le Littré* (1863), que reflete o estado da língua francesa clássica, entre os séculos XVII e XIX, da seguinte maneira:

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/>>.

<sup>4</sup> Dicionário Histórico do Português do Brasil - séculos XVI, XVII e XVIII (2005-2012). Projeto coordenado pela Profª. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa para o qual foi criado um banco de dados constituído por documentos dos séculos XVI, XVII e XVIII produzidos no Brasil ou sobre o Brasil, escritos por portugueses radicados no país, que visa produzir um dicionário com as unidades lexicais que formaram o vocabulário do português do Brasil.

“estar em boa ou má inteligência com alguém, ter com ele boas ou más relações”.<sup>5</sup> Uma definição bastante próxima aparece no *Dictionnaire de L’Académie Française* (6ª edição, 1832-5): “amizade recíproca, acordo, união de sentimentos” (tradução nossa). No *Diccionario Prosódico de Portugal e Brazil* (1895), de Antonio José de Carvalho e João de Deus (a primeira edição é de 1870), consta no verbete inteligência: “intelecto, entendimento; conhecimento; sentido, interpretação, acepção; espírito; acordo; destreza, perícia” (grifo nosso).

Vê-se, assim, que os dicionários da língua portuguesa do século XVIII e do início do século XIX ignoravam a acepção “relação entre duas partes”, embora esta fosse bastante utilizada, ao menos na *Gazeta de Lisboa*. Faz-se necessária a verificação dos usos da unidade em outros discursos. No *site Corpus do Português*, que reúne textos entre os séculos XIV e XIX, a maioria literários, encontram-se os seguintes sentidos:

#### A. Relação de acordo entre duas partes

- (8) [...] para que, por virtude de vossa diligencia, e **inteligencia**, com amigos, e parentes, q no Reyno tendes [...]. (Epanaphora politica primeira, Francisco Manuel de Melo, 1637).

#### B. Ser bem relacionado, ter conhecidos

- (9) E porque lhes disse que tinha trato e **inteligencia** na Vila, para nos dentro receberem [...]. (Cronica de D. Afonso Henriques, Duarte Galvão, 1500-1525).

#### C. Compreensão, aprendizado

- (10) Na Sintaxe, separei as Regras, que servem para a **Inteligencia** da lingua, das Observasoens, que servem para a Latinidade, ou Compozisam. (Introdução à Gramatica latina, Verney, 1875).

#### D. Conhecimento

- (11) [...] veremos que é grandissimamente necessario ao pintor a **inteligencia** da physiognomica, ou filosomia [...]. (Da Pintura Antiga, Francisco de Holanda, 1561).

#### E. Essência espiritual

- (12) [...] se conta como lhe deu o Senhor Deus **inteligencia** de visoões e como lhe foy revellado o Senhor de Nabucadenasor [...]. (Corte Enperial, de Adelino Calado, séculos XIV e XV).

Resultado próximo é obtido ao se verificar os empregos da unidade **inteligência** no *corpus do DHPB*:

#### A. Relações políticas e diplomáticas/concordância entre duas partes

- (13) [...] nem depois ainda d’elle cessam de levar avante as suas injustas pretenções, e de perturbar a paz e a boa **intelligencia** de ambas as Corôas? (Alexandre Rodrigues Ferreira, 1792).

#### B. Sentido de correspondência secreta

- (14) Ontem me escreveu Jerónimo Nunes que estava preso Genaro Aneze, e que se havia descoberto uma **inteligência** que lá tinham os franceses [...]. (Antonio Vieira, 1648).

<sup>5</sup> No original: «Être en bonne, en mauvaise intelligence avec quelqu’un, avoir avec lui de bonnes, de mauvaises relations».

### C. Capacidade intelectual

- (15) [...] David, porque além de grande musico, era mancebo muito valente, de grande **intelligencia** nas materias de guerra [...]. (Antonio Vieira, 1634).

### D. Sentido de compreensão, entendimento

- (16) [...] em q̃ V. A. R. por se ter verificado na Sua Real Prezença a má **intelligencia**, q̃ elle deo á Carta Regia de 19 de Agt. de 1799 [...]. (Antonio Joze de Franca e Horta, 1803).

Como foi dito no início deste artigo, faz-se a hipótese da assimilação de práticas linguísticas de outras regiões e de outras línguas, que teriam passado a integrar a língua portuguesa por meio de empréstimos devidos à tradução literal dos textos provenientes de outras localidades. Pela análise realizada até o momento, parece ser o caso deste uso da unidade **inteligência**, que já era registrado pelos dicionários franceses. É um dado importante, uma vez que se atesta a grande influência da língua francesa no vocabulário português do século XIX,<sup>6</sup> mas não se fala sobre qual seria este alcance nos séculos anteriores, embora houvesse uma grande circulação de informações entre os dois países.

## Estudo diacrônico

O objetivo da realização de um estudo diacrônico sobre os usos da unidade **inteligência** é apenas comparativo, como forma de se verificar quais dos sentidos permaneceram na língua portuguesa. Nesta seção, realiza-se a análise das definições dadas à unidade em dicionários do português e das ocorrências em textos jornalísticos contemporâneos. No *Dicionário Aurélio* (FERREIRA, 2004) há apenas uma entrada da unidade, com três acepções, que contemplam apenas o traço [+intelectual]: “1. faculdade ou capacidade de aprender, apreender, compreender ou adaptar-se facilmente; intelecto, intelectualidade. 2. destreza mental; agudeza, perspicácia. 3. pessoa inteligente.”

No *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2001) há a separação em duas entradas, a primeira como “faculdade de conhecer, compreender e aprender”, na qual a oitava acepção é “harmonia, entendimento recíproco”, e a de número 9, “acordo ou combinação secretos; maquinação, conluio”. Nesta entrada podem ser apreendidos os traços de significação [+intelectual] [+psíquico] [+correspondência secreta] [+boas relações/entendimento]. Na segunda entrada, **inteligência** é definida como “serviço de informações”. Esta acepção, que merece uma entrada separada na obra de Houaiss por ser considerada homônima, seria originária do inglês **intelligence**. À primeira acepção, este dicionário cita como origem o latim **intelligentia**, no português desde o século XIV.

O *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* (BORBA, 2004) também registra duas entradas e aceita a homonímia da unidade: a primeira para a “faculdade de aprender”, em que aparece a acepção “informações, especialmente de natureza militar”; e a segunda, “serviço secreto”.

<sup>6</sup> “Se, agora, é do inglês a origem da maior parte das novas palavras, esse privilégio já foi do italiano no século 15, do tupi no século 16 (graças aos nomes de muitas plantas e animais) e das línguas europeias no século 19 – principalmente do francês, responsável direto por aproximadamente 60% do nosso atual vocabulário”, fala Mário Eduardo Viaro, coordenador do grupo de pesquisa Morfologia Histórica do Português na USP. Tal informação foi publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* de 25/07/2010, disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/a-vida-das-palavras/>>.

Em textos atuais da imprensa brasileira, encontram-se essas duas acepções da palavra, mas não o sentido de relação, como pode ser visto na sequência:

- (17) [...] visando uma grande abertura social e uma melhor avaliação da **inteligência** dos jovens. (FSP, 12/07/2010).
- (18) Devido a falhas na coleta de **inteligência**, diz a investigação, militares que abordaram o navio turco Mavi Marmara [...]. (FSP, 13/07/2010).
- (19) A decisão, disse, foi tomada após constatar que sua vida corria perigo diante da ação de “organismos de **inteligência** do Estado”. (FSP, 07/07/2010).

Na imprensa portuguesa, numa pesquisa superficial, observa-se também a recorrência destas acepções:

- (20) Tenham os jogadores **inteligência** para poder controlar as emoções. (Correio da Manhã, 09/08/2010).
- (21) Se os pais se atrevessem um pouco mais, perceberiam que é muito recompensador falar com os miúdos respeitando a sua **inteligência** e estimulando-os a ir além daquilo que já são capazes de fazer [...]. (CM, 04/07/2010).
- (22) Há muito tempo que, tanto a nível civil como militar, os serviços de **inteligência** utilizam estes recursos. (CM, 06/07/2010).

## Outros dados

Na *Gazeta de Lisboa* a unidade **entendimento** é usada com o sentido de “capacidade mental, compreensão”, numa alternância de usos com **inteligência**, como pode ser visto em:

- (23) [...] a princesa catherina dolboruccki, dotada de muyta fermosura, **entendimento**, e sezudeza [...]. (GDL, 09/02/1730).

Isso é possível porque tanto **inteligência** quanto **entendimento** apresentam o traço [+intelectual], que permite a comutação da unidade em determinados contextos.

Mais um fato que pode ser visto na *Gazeta de Lisboa* é que outras duas unidades, **amizade** e **harmonia**, também são empregadas com sentido muito próximo ao uso mais frequente que se faz de **inteligência**, o de relação entre duas partes, podendo em alguns casos serem consideradas como parassinônimas, ou seja, como unidades que podem ser substituídas uma pela outra em alguns contextos. Nestes casos, as unidades **harmonia** e **amizade** apresentam o traço de significação [+concordância]. No caso da unidade **harmonia**, é expressa também a ideia de bom entendimento entre dois reinos:

- (24) [...] tem alguas preposições de grande importancia que fazer para estabelecer hua perfeita **harmonia** de amizade entre as duas Coroas Imperial, & Franceza. (GDL, 12/10/1715).

Na verificação das acepções das unidades que constituem esse micro-campo lexical nos dicionários da época da *Gazeta de Lisboa*, a unidade **harmonia** apresenta a ideia de “proporção/simetria” e “boa paz e amizade”, numa conotação, sobretudo, positiva. O *Dicionário Houaiss* cita: “ausência de conflitos, paz, concórdia”. Para a unidade **amizade**,

os dicionários de Bluteau e Moraes apenas citam “sentimento de amor e benevolência entre duas pessoas”, com o traço [+afetividade]. No Houaiss figura a definição “concordância, pacto, aliança”, [+concordância].

Além de indicar os traços de significação comuns às três unidades do micro-campo, a análise de obras lexicográficas revela algo mais relevante: para as três é citado pelo *Dicionário Houaiss* como antônimo a unidade **desinteligência**, que não foi encontrada no *corpus* da *Gazeta de Lisboa*. Nos dicionários atuais, **desinteligência**, que não está registrada nos dicionários de Bluteau e Moraes, aparece como: “discrepância entre pontos de vista, desacordo, desentendimento, falta de amizade, hostilidade”, exatamente o contrário do sentido da palavra **inteligência** mais usado nos textos da *Gazeta de Lisboa*.

Outro fato que chama a atenção é que as três unidades são mais frequentemente empregadas na *Gazeta de Lisboa* acompanhadas por adjetivos, como **boa**, **má**, **perfeita**, **mútua**, o que demonstra neutralidade conotativa da unidade, que pediria uma qualificação, ou a ocorrência de pleonasma. Acompanhada por **boa** e **má** a unidade **inteligência** forma expressões fixas registradas no dicionário francês *Le Littré*, como já foi assinalado.

As seguintes ocorrências do *corpus* da *Gazeta de Lisboa* ilustram o que se acaba de afirmar:

- (25) Parece que se aumenta todos os dias a boa **inteligencia** entre a imperatriz rainha, e o rey de prussia, e muitos entendem, que dentro de pouco tempo chegara a boa **harmonia** a hum ponto, onde nunca esteve em nenhum dos reinados precedentes [...]. (GDL, 19/02/1750).
- (26) [...] não se pode duvidar de nenhuma maneira que pela fiel execução dos nossos reciprocos empenhos se não estabeleça, e lancem alicerces mais fortes que nunca de hua **amizade** perfeita entre as duas nações [...]. (GDL, 9/03/1730).
- (27) Sua alt. eleit. esta inclinado mais que nunca a entreter huma perfeita **inteligencia**, e **amizade** com a augusta casa de austria [...]. (GDL, 19/02/ 1750).

Além das relações de significação entre as palavras do micro-campo lexical de **inteligência** encontradas na *Gazeta de Lisboa*, pretende-se verificar se as unidades que são empregadas no seu entorno podem fornecer mais dados sobre seus usos.

Sabe-se que o funcionamento de uma estrutura linguística não obedece exclusivamente a fatores da ordem da língua, mas à conjunção entre o que é da língua e o que é da formação discursiva. Esse fato leva à necessidade da realização de um estudo lexical em perspectiva discursiva, pois o elemento ideológico e cultural assinala-se a cada manifestação discursiva concreta e, desta forma, o sentido não depende exclusivamente do linguístico. A análise da palavra em discurso permite abordar a palavra na língua, pois a significação é um processo de sedimentação do sentido, e esta acontece por meio de regularidades contextuais que acompanham as palavras nos textos.

## O léxico em perspectiva discursiva

A relação entre língua e discurso é estreita, pois a língua é o suporte para a manifestação do discurso pelo sujeito. Segundo Pêcheux e Fuchs (1975, p. 20), o léxico deve ser considerado como um conjunto de elementos articulados na sintaxe, pois também as construções sintáticas possuem significação.

As diferenças de sentidos têm como um de seus fatores a historicidade dos sujeitos, que atua na relação que se dá entre o intradiscurso, ou seja, o nível da sequencialização do discurso pelo sujeito enunciador, e o interdiscurso, lugar dos sentidos construídos por outros sujeitos em outros momentos, mas que retornam, suscitados pelas palavras usadas nas enunciações. O intradiscurso é, então, o nível da formulação, que se diferencia do nível da enunciação, que é o interdiscurso. O intradiscurso é o “discurso como estrutura” e compreende a descrição e os efeitos que as marcas léxico-sintáticas operam na sequência discursiva.

Baseia-se a metodologia de análise do intradiscurso na noção de cotexto, conjunto formado pelos elementos que estão no entorno de uma palavra e que revela as práticas sociais e linguísticas associadas a ela, pois este deixa transparecer as associações lexicais preferenciais. Ver a palavra em discurso implica analisá-la na cadeia sintagmática e supõe um ato de enunciação de um sujeito.

Nos estudos lexicais, observa-se que certas práticas e associações no ambiente léxico-sintático das unidades parecem ser mais recorrentes que outras, e algumas destas práticas e associações são constituintes dos significados das palavras. Assim, há sempre a possibilidade de uma tendência de especialização léxico-semântica da palavra, que pode ser verificada por meio das coocorrências.

Considera-se, então, cotexto como o conjunto de elementos linguísticos sintáticos, lexicais, morfológicos e fonológicos que regem a formação dos sintagmas, permitem ou impedem a substituição no paradigma e limitam e/ou restringem a utilização dos lexemas dentro dos diferentes contextos, por meio das regras impostas pelo sistema estruturado da língua, com a finalidade de atingir a função comunicativa da linguagem. Segundo Rio-Torto (2006, p. 2), a caracterização e o funcionamento de uma palavra são articulados em diferentes dimensões complementares: funcionais, gramaticais e lexicais, paradigmáticas, sintagmáticas e discursivas.

### **Análise do cotexto**

Considera-se nesta parte da análise apenas as acepções A (relação entre duas partes) e B (correspondência secreta) das ocorrências da unidade **inteligência** na *Gazeta de Lisboa*, por serem as de maior ocorrência no *corpus*. No estudo do cotexto são utilizadas as frases completas em que a unidade está inserida e, em alguns casos, quando se faz necessário para a compreensão do enunciado, o parágrafo.

Para a primeira acepção (A), percebe-se que, quanto aos verbos que antecedem ou se referem à unidade **inteligência**, há recorrência da ideia de acerto, estabelecimento e manutenção, com as coocorrências dos verbos **ajustar**, **conservar**, **entreter**, **estabelecer** e **restabelecer**, que expressam os traços [+ação] e [+estabilidade], pois contêm a intenção de se iniciar algo, fazer entrar em vigor, e manter, dar continuidade. Com relação aos elementos nominais, podem ser observadas recorrências das unidades **embaixador** e **ministro** (os responsáveis pelas relações diplomáticas entre duas nações), de **corte** (10 ocorrências) e das unidades **guerra**, **paz**, **tratado**, **harmonia** e **amizade**, em relação a ações políticas e diplomáticas. Os sintagmas boa / má / perfeita / mútua inteligência são seguidos pelas preposições **entre** ou **com**, que reforçam a ideia de relação e reciprocidade.

O fato de **inteligência**, nos contextos estudados, figurar sempre acompanhada por um adjetivo, na maioria dos casos de conotação positiva, leva a crer que essa unidade

possuía conotação neutra, assim como a unidade relação, que contém a ideia de vínculo e ligação variável, instável. Nas ocorrências de **harmonia** e de **amizade** no *corpus* estudado e em outros textos da mesma época, observa-se menor frequência de adjetivos, pois tais unidades têm conotação positiva e o traço de significação [+afetividade], conforme atestam os dicionários, e seu uso seria pleonástico.

A segunda acepção (B) tem 10 ocorrências no *corpus*. Observa-se que, quando é empregada com este sentido, a unidade **inteligência** forma o sintagma **ter inteligência com/na**, que mostra a necessidade de um complemento locativo e/ou humano/institucional. São verificadas recorrências de verbos de ações discursivas, como **ameaçar**, **assegurar**, **mandar** e **persuadir**, e aparecem coocorrências da terminologia militar, como **exército**, **guerra**, **inimigo**, **tropa**, **tratado** e **soldado**, o que mostra que este sentido da unidade é bastante frequente em textos que tratam de temas militares. Há ainda a repetição das unidades **perigo** e **proteção**, e da ideia de revolta, com as unidades **rebelde**, **rebelião**, **revolução** e **tumulto**.

### Considerações finais

Nos textos da *Gazeta de Lisboa*, a unidade **inteligência** aparece prioritariamente em dois tipos de sintagma. O primeiro é formado por um verbo que expressa ação ou estabilidade + adjetivo + inteligência + com/entre. O segundo sintagma, “ter inteligência com/na”, expressa as ideias de posse, recebimento, usufruto, contidas no verbo *ter*, e de local e/ou fonte de informação, que podem ser apreendidas pelas preposições **em** e **com**.

Apenas o segundo sentido está registrado nos dicionários da língua portuguesa da mesma época do jornal aqui analisado. A primeira acepção aparece em dicionários franceses e em um dicionário da língua portuguesa do século XIX, o que mostra que esse uso não era exclusivo da língua portuguesa da época e pode ter sido importado. Além disso, pode-se relacionar o sentido deste segundo sintagma com o início das atividades dos serviços secretos, que tiveram sua origem, segundo o cientista político Cepik (2001) na Europa no século XVI.<sup>7</sup> Tal hipótese teria sua confirmação pela não ocorrência desse emprego em textos anteriores a essa época, conforme dados do *Corpus do Português*, e pela informação etimológica do *Dicionário Houaiss* sobre a origem inglesa da acepção.

A verificação das ocorrências da unidade em outros textos da mesma época comprova a tese de que **inteligência** com os sentidos destacados acima era mais empregada em contextos políticos, militares e diplomáticos, e que, em outros tipos de textos, era mais utilizada com o sentido de “faculdade mental do aprendizado” ou “capacidade intelectual”, numa alternância de usos com **entendimento**. Observa-se ainda que havia a prática discursiva de, com o sentido “relação entre dois lados”, a unidade **inteligência** integrar o campo associativo de **harmonia** e **amizade**, possível pelo fato de todas estas unidades possuírem o traço semântico [-desinteligência].

<sup>7</sup> Segundo esse autor, “[...] embora o uso de espões e informantes especializados remonte à Antiguidade e ao Império Romano, a atividade de inteligência adquiriu nova escala operacional como função social organizada, profissional e permanente com o surgimento do Estado moderno na Europa”. Cepik afirma, ainda, que em 1573, durante o reinado de Elizabeth I da Inglaterra, o secretário de Estado Francis Walsingham era encarregado do *The intelligence*, órgão governamental que coletava informações sobre potências inimigas, conspiradores internos e notícias internacionais. Este tipo de atividade também incluía a repressão a dissidentes e críticos do governo, que era realizada na França pelo *Cabinet Noir*, criado em 1590, e na Rússia pela Cavalaria Negra ou *Oprichnina*, criada em 1565.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADÉMIE FRANÇAISE. *Dictionnaire*. Paris: Imprimerie et Librairie de Firmin Didot Frères, 1835, 6. ed. Disponível em: <<http://dictionnaires.atilf.fr/dictionnaires/>>. Acesso em: mar. 2010.

BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico [...]*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 8 v.

BORBA, F. S. (Org.). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

CARVALHO, A.J.; DEUS, J. *Diccionario Prosódico de Portugal e Brazil*. 6. ed. Porto: Lopes & C.; Rio de Janeiro: Frederico Augusto Schmidt, 1895.

CEPIK, M.A.C. *Serviços de inteligência: agilidade e transparência como dilemas de institucionalização*. Tese 2001 (Doutorado em Ciência Política) - IUPERJ – Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

ELUERD, R. *La lexicologie*. Paris: PUF, 2000.

FERREIRA, A. B. de H. (Ed.). *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. 3. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004, CD-ROM, versão 5.0.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. (Ed.). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LABROSSE, C. Patrie, peuple, nation dans les gazettes de 1785. In: RÉMI-GIRAUD, S.; RÉTAT, P. (Orgs.). *Les mots de la nation*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1996. p. 233-244.

MAIA, C. de A. Alguns aspectos da língua portuguesa nos sermões do Pe. António Vieira. In: GIL, A.; THIELEMANN, W. (Eds.). *Die Rhetorik António Vieiras*. Bonn: Romanistischer Verlag, 2005. p. 125-149.

MESSNER, D. ‘Morrer’ entre 1715 e 1850: O projecto da ‘Gaceta de Lisboa’. In: COLÓQUIO DE HOMENAGEM A AMADEU TORRES. *Actas... Gramática e Humanismo*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa. 2005. Disponível em: <<http://www.uni-salzburg.at/pls/portal/docs/1/541653.DOC>>. Acesso em: mar. 2010.

MORTUREUX, M. F. *La lexicologie entre langue et discours*. Paris: Sedes, 1997; Paris: Armand Colin, 2001.

MURAKAWA, C. de A. A. *Corpus do DHPB: Dicionário Histórico do Português do Brasil - séc. XVI, XVII e XVIII (2005-2012)*. Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br/poslinpor/Dicionario%20historico.php>>. Acesso em: mar. 2010.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. Mise au point et perspective à propos de l’analyse du discours. *Langages*, Paris: Larousse, n. 37, p. 7-80, 1975.

PERALVA, C. A vida das palavras. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 jul. 2010. Caderno Link. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/a-vida-das-palavras/>>. Acesso em: jul. 2010.

REMI-GUIRAUD, S. Le micro-champ lexical français peuple, nation, état, pays, patrie. In: RÉMI-GIRAUD, S.; RÉTAT, P. (Orgs.). *Les mots de la nation*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1996, p. 19-39.

RIO-TORTO, G. O léxico: semântica e gramática das unidades lexicais. In: ATHAYDE, M. F. (Coord.). *Estudos sobre léxico e gramática*. Cadernos do Cieg, n. 23. Coimbra: Centro Internuniversitário de Estudos Germanísticos, 2006. p. 11-34.

SILVA, A. M. *Diccionario da lingua portugueza*: recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

TOURNIER, M. *Des mots en politique*. Propos d'etymologie sociale. Paris: Klincksieck, 1997. v. 2.

VENIARD, M. *La nomination d'un événement dans la presse quotidienne nationale*. Une étude sémantique et discursive: la guerre en Afghanistan et le conflit des intermittents dans Le Monde et Le Figaro. 2007. Thèse. (Doctorat 3<sup>e</sup> cycle) - Université Sorbonne Nouvelle – Paris III (UFR de Linguistique et Phonétique Générales et Appliquées), Paris.

VILELA, M. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.